

Carta ao Ex.^{mo} Sr. José Miguéis

em resposta aos seus artigos "Sobre os fins e a coragem nos meios de actuar"

Ex.^{mo} Senhor:

Os seus artigos «Sobre os fins e a coragem nos meios de actuar», suscitados, segundo V. Ex.^a confessa, por uma das minhas nótuas de crítica, duplamente me assombraram. Assombraram-me, em primeiro lugar, porque tendo V. Ex.^a uma inteligência lúcida e possuindo espírito crítico, não compreendeu naquele momento nem o meu artigo, nem a própria doutrina da SEARA NOVA, em nome da qual pretendeu falar, — doutrina, aliás, abundantemente esclarecida por alguns dos seus directores, em muitos artigos publicados desde que a revista se fundou; e assombraram-me, além disso, porque, atribuindo-me cavilosos intuitos de fazer à democracia «ataques surdos e disfarçados», revestidos de «atitudes irrepreensíveis, mesmo de aceitação e concordância», se revelou V. Ex.^a possuidor de um dom de fantasia melodramática que eu absolutamente lhe desconhecia.

Todos nós, aliás, temos momentos em que a fantasia nos obscurece de todo o senso crítico, momentos em que não somos nós próprios e que ninguém deveria ter a crueldade de tomar ou fingir tomar a sério. Não serei eu a fingir estar convencido de que foi o verdadeiro espírito de V. Ex.^a que escreveu aquelas frases aterradoras, nem tam pouco fingirei que as tomo a sério; mas sempre lhe lembrarei, a-pesar disso, que é evidente que não vim para a democracia para a atraiçoar, para a ferir, para a perverter, mas para comungar no seu espírito e para a servir, tanto quanto o meu aperfeiçoamento mo permita. A evocação que V. Ex.^a faz do meu passado espiritual e político em nada justifica a sua pânica alucinação, como em nada me deslustra a mim; e de-certo V. Ex.^a não calcula o tenaz esforço que me tem sido necessário para libertar o meu espírito dos limites que o constrangiam, o meu pensamento das doutrinas que o transviaram, e para defender o meu cérebro contra aqueles irracionais impulsos a que todos nós estamos sujeitos, e de que V. Ex.^a se deixou vencer quando escreveu os seus artigos.

Se não fôsem, como foram, o explicável resultado de um delírio passageiro ou talvez ainda os restos da doença a que V. Ex.^a alude, os seus artigos manifestariam uma sobrevivência de «espírito

cristão-velho» em democrata tão apurado, tão estreme, espírito êste que o leva, Ex.^{mo} Senhor, a ver no pobre de mim aquela heresia viva que os de sangue puro e limpo descobriam sempre nos cristãos-novos, quando mais não fôsse, senão por serem novos. E a êsse respeito são um documento elucidativo aqueles passos do seu primeiro artigo onde V. Ex.^a, atraído pela sua pena, que revela o que a sua cortesia queria ocultar, parece vir dizer-me que isto de democracia e de pensamento democrático não é para mim. Mas atente, Ex.^{mo} Senhor, como tôdas as presunções são frágeis: a julgar por estes seus artigos, também o não seriam para V. Ex.^a. Mas seria o cúmulo da injustiça julgar V. Ex.^a por estes seus artigos.

Por aqui me pedia o ânimo que ficasse, pois, em boa verdade, só ao pequenino ataque pessoal cumpria responder, porque quanto às ideias e conceitos do seu artigo, não me parece sumamente interessante vir discuti-los, justamente por V. Ex.^a se ter guindado àquelas «alturas da crítica literária e filosófica» em que veio afirmar ter-me visto (e aqui V. Ex.^a há de convir que enganou os seus leitores) e donde tão pouco alcançou. Os seus artigos ficam, e tenho a certeza que, relendo-os num dia de serenidade, V. Ex.^a virá a reconhecer que neles não foi nem justo, nem profundo nem muito dotado, já não digo de espírito crítico, mas de senso comum.

Há porém uma passagem em que me cumpre fazer reparo — é aquela em que V. Ex.^a diz: «O importante no momento é saber até que ponto uma interpretação aparentemente ingênua (repare V. Ex.^a na sua insinuação), doutrinária, inofensiva do pensamento dum homem ou duma época intenta estabelecer uma norma de conduta—isto é impelir-nos em nome dos ideais no sentido duma renúncia a certos processos de luta».

Pois se é o importante, se V. Ex.^a toma tanto a peito tirar o caso a limpo, aqui lhe declaro que no meu pequeno estudo intitulado «O Conceito de Revolução em Eça de Queirós» não tinha outro intento, nada mais pretendia, que desenhar (tosca-mente, é claro, por ser eu que o fazia) um conceito do nosso romancista, independentemente de qualquer outra intensão e desejo que não fôsse o de surpreender êsse aspecto conceitual da obra queirosiana e não entrando em nada para aí o meu próprio conceito de revolução. Era o de Eça,

Ex.^{mo} Senhor, não era o meu; escrevi um artigo de crítica, não fiz um artigo de fundo.

Se V. Ex.^a me vier demonstrar com melhor crítica (e é bem fácil tê-la mais esclarecida que a minha) e passagens da Obra de Queirós mais convincentes que as que cito, que eu errei e que o conceito de revolução que atribuo a Eça não era o que êle possuía, eu virei imediata e contritamente declarar o meu êrro e agradecer-lhe a lição. De contrário, continuo convicto que tracei no meu escrito êsse conceito do romancista com justeza e verdade, integrando-o no ambiente de ideas que o cercava (foi para isso que fiz as citações accessórias com que V. Ex.^a implicou), e que, justamente porque não fiz trabalho tendencioso, porque falei verdade, porque a não quis deturpar, porque a não pretendi pôr ao serviço de circunstâncias de momento e das minhas opiniões políticas e sociais — por isto, julgo ter servido o espírito democrático, pelo menos tão bem como V. Ex.^a o pretendeu servir nos seus artigos.

E aqui me acóde à memória a crítica com que António Sérgio honrou o meu primeiro livro e onde tão bons ensinamentos me foram dados, entre os quais, permita-me que destaque esta censura que foi uma das melhores lições: «*Por muitos esforços que tivesse feito (e realmente os fêz) para atingir a ponderação completa (tão invulgar nos seus poucos anos) há no final do seu trabalho certa tendência a submeter a crítica a um dogma político determinado — a uma política de carácter estático. É mau processo. A análise há de ser directa, sem nenhuma idea preconcebida...*» (Lusitânia, fasc. 1, pag. 112).

Análise directa, sem idea preconcebida — eis o que nos meus pequenos estudos sôbre Eça tentei; se houve falha, a culpa não cabe ao processo que adoptei, mas à minha própria insuficiência.

Quanto ao mais, não creio que o facto de se conhecer qual fôra o conceito de revolução possuído por Queirós, possa vir transformar um revolucionário activo num teórico, num propagandista ideológico e doutrinário; que possa impedir seja lá quem fôr de num caso extremo (e êste é quando a dignidade humana se acha em perigo de sossobrar sob qualquer espécie de tirania), jogar a vida pela liberdade, pela justiça, pela dignidade moral própria. Eça desejava que a Revolução fôsse feita pelo governo acompanhado por uma opinião pública esclarecida; é o que todos nós desejamos, quando haja um governo e possa haver opinião.

O esclarecimento dessa opinião eis um dos fins que visa a obra de Queirós e eis uma das maneiras por que ela serve a Revolução. Digo *serve*, porque a Revolução ainda está por fazer. Num país vítima de tantas revoluções só uma (a de

Mousinho da Silveira) ainda revolucionou — as outras têm agitado, têm convulsionado mas ainda não revolucionaram, no grande, no nobre sentido da palavra. V. Ex.^a não vê assim; — é que vê de alto de mais e porque o archote que tomou ao Lichtenberg e com o qual, na abertura dos seus artigos, rasga as trévas, lhe incandeou a visão com sua chama e com o fumo lhe cegou o entendimento... e, afinal, sem me queimar as barbas.

Creia-me, Ex.^{mo} Senhor,

De V. Ex.^a Mt.^o At. Vnr. e Obg.^o

CASTELO BRANCO CHAVES



Publicações recebidas

Os Lusíadas, de Luis de Camões, contados às crianças e lembrados ao Povo, adaptação em prosa, de João de Barros, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1930.

Castro, Colecção Portuguesa, Doutor António Ferreira, tragédia, com uma noticia bibliográfica, por Damião Peres, professor da Universidade do Porto, 1930, Cosmópolis, Editora, Aguda, Vila Nova de Gaia.

Karl Marx, (Colecção Homens e Ideas), por Emilio Costa, Edição da Livraria Peninsular Editora, Lisboa, 1930.

Catalunya a los mares (Navegantes, Mercadors i Cartógrafs catalans de l'Edat Mitjana i del Renaixement) Gonçal de Reparaz (Fill), Barcelona, 1930.

Boletim da Agência Geral das Colónias, ano VI, N.º 64, Lisboa, Outubro de 1930.

Nueva España (Semanao Político y Social), año I, Núm. 18 e 19, Madrid 18 de Outubro de 1930.

Les Guides Bleus Le Portugal, (Madère — Açores), Librairie Hachette, Paris 1930.

Trechos da História de Portugal, (Prelecções patrióticas feitas por um oficial português aos seus soldados, pelo capitão aviador António Correia, Vizeu 1930.

Gazeta dos Caminhos de Ferro, (Revista Quinzenal — Publica-se nos dias 1 e 16 de cada mês), 20.º do 43.º ano, N.º 1028, Lisboa, 16 de Outubro de 1930.

Revista Portuguesa de Comunicações, (para o estudo e divulgação dos problemas económicos e financeiros), ano II, N.º 32, Publicação Quinzenal, Lisboa, 15 de Outubro de 1930.

Italia, N.ºs 35 e 36, Paris 1930.

A B C (Revista Portuguesa, ano XI), N.ºs 536, 537 e 538, Lisboa, 23 e 30 de Outubro e 6 de Novembro de 1930.

Lisboa Médica (Jornal Mensal de Medicina e Cirurgia), ano VII, N.º 10, Lisboa, Outubro de 1930.

La Liberté, Parigi, 24 Ottobre, 1930, ano 4, N.º 43.

Gazeta da Relação de Nova Gôa, (Revista Jurídica Quinzenal), Orgão da Associação dos Advogados da Índia Portuguesa, ano 9.º, N.º 7, Nova Gôa, 1 de Outubro de 1930.

Presença (Fôlha de Arte e Crítica), ano quarto, N.º 28, Volume segundo, Coimbra, Agosto — Outubro, 1930.

Angolana (Revista de Propaganda de Angola), publicação semanal, ano II, N.º 30, Luanda, 18 de Setembro de 1930.

Portugal Exportador (Revista comercial, industrial e turística), Publicação mensal, n.º 4, ano I, Lisboa, Outubro de 1930.

Adolfo Ferriêre, Coimbra, tipografia Reis Gomes, 1930.

Parnassus, Volume II, number V, May, 1930.

Pologne Littéraire, (Revue mensuelle, N.º 47 e 48, Cinquième année, Varsovie, 15 Août, 15 Septembre, 1930.